

CAPÍTULO VI

O problema do compromisso

1. — Assim estabelecidos os caracteres do *compromisso*, para logo ressaltar a sua subordinação aos *detalhes emotivos* dominantes. E por essa maneira se acompanha a sua relação com o passado inocentado na justificação, e com o futuro, estruturado em novos *ideais-modelos*, que também obedecem ao *compromisso*. Do mesmo passo fica esclarecida, evidente, a significação de *defesa* que tem o fenómeno do compromisso. E como a defesa vital, assim estendida no presente, no passado e no futuro, liga e subordina o indivíduo a parentes, amigos, família, sociedade, fácil é verificar que o compromisso auxilia fundamentalmente a definição da atitude religiosa, ainda quando a doente não é conscientemente ou declaradamente religiosa. De fato: as pacientes cuja personalidade se reconstrói com pleno êxito, mostram um otimismo generoso, que lhes dá a íntima convicção de estar de novo, ou pela vez primeira, ao serviço de uma espécie de missão social, humana, que lhe facultou estimar as outras pessoas, compreendê-las, amá-las, e ao mesmo tempo com o sentimento de serem influenciadas por um princípio supremo e inacessível de bem, que unifica e facilita conceber as linhas gerais de um mundo, que escapa à razão precária e se deixa criar nas visões do amor.

Estas expressões são vagas, porque vagos também são os estados de alma desta maneira revelados na análise.

2. — Examinado em concreto (na vivência das pessoas analisadas), o fenómeno do compromisso é muito complexo, e tem uma dupla significação defensiva para o espírito: a defesa sob a forma da *obrigação moral*, e a defesa sob a forma da *necessidade moral*. Esta vem primeiro. A obrigação depois. Entre os filósofos tem-se muitas vezes insistido sobre a diferença dessas duas situações de ordem moral. A necessidade é aquilo a que a vontade não pode fugir: a nossa analisada P., por exemplo, julgava-se invencivelmente arrastada aos atos sexuais que lhe originaram a nevrose. Mais tarde, ao consolidar a cura, aquela força de necessidade já era considerada uma "loucura", um disparate, uma vontade má, e que procurava dissimular-se atribuindo àquelas atrações uma intensidade que não era exata. E ainda sentia e compreendia a vantagem de atribuir a isso todos os pecados, para ficar sem a responsabilidade da conduta a escolher. E mais, furtando-se a essa escolha, desejava ser guiada, ser dirigida, cultivando uma passividade cômoda, egoísta, irresponsável. Somente no fim da análise reeducativa, levada indiretamente a definir-se com inteira liberdade, de acôrdo não só com as atrações inferiores, mas atendendo às razões morais com que se desculpava, somente nessa contingência é que ela acrescentou, à necessidade moral, — a obrigação moral: — isto é, a obrigação, em que se encontrou, de mostrar que não estava mentindo em tôdas as suas justificações confessadas

e juradas, como a tábua de salvação que a separava dos animais inferiores.

E só podia mostrá-lo orientando-se por essas razões morais, com absoluta sinceridade de atos, e liberdade de resoluções.

É de grande significação prática essa diferença fundamental, para a responsabilidade que condiciona a estruturação da personalidade: a cura das nevroses o demonstra vigorosamente. Mas o reflexo sobre as bases espirituais da estruturação da sociedade é de igual importância. Tôdas as tendências, dissolventes para a pessoa, que procuram transformar a obrigação moral em mera necessidade, aparecem logo, por extensão ou continuidade inevitável na dissolução das sociedades, assim encaminhadas para um processo de mecanização, que é o imediato resultado da conduta pela lei da necessidade moral. Se a pesquisa psicológica da análise pode assim revelar um princípio tão essencial para a reconstrução anímica e social, por que razão até agora não se têm metodizado e organizado estes estudos da antropologia integral?

3 — O compromisso é um estado anímico e espiritual quase inteiramente subconsciente, salvo, em certas fases da vida, para os homens de pensamento filosófico pouco insulado em atitude teóricas, excessivamente palavrosas ou livrescas. Na nevrose, não conhecia o doente seus conflitos. Depois de curado, também não conhece bem os *antagonismos*, de cujo *equilíbrio* depende sua adaptação social e normalidade da sua pessoa. Vagamente, percebe, entre o perigo da polícia e os elogios da consideração social, o latente jôgo de *defesa* da sua vida.

Uma das grandes bases de qualquer pretensão educacional para a criança, o nevrosado, ou o inadaptado é, sem dúvida, fazer conhecido o fenómeno do compromisso, e especialmente a sua condição de complexo emotivo subconsciente.

Há grandes semelhanças no processo educativo da criança, do neurótico, e do delinquente. Não há igualdade. Mas o papel da mentira, da atração dos instintos, e da insensibilidade ao bem comum pode ser descoberto nos três casos, na medida em que a alma tende a se dissolver por falta de desenvolvimento, isto é, por falta de educação.

Essa insensibilidade primordial dá facilmente o mau gôsto de achar bom dissolver a alma. O indivíduo sente-se bem nas ondas do mal, e deixa-se levar por elas, fascinado. Tôda a sua atenção, desejos e ideal estão reduzidos ao proveito material e ao momento que passa, amparando-se êle na vaga convicção de que ninguém descobrirá que êle sentiu, ou sente ainda, os bons compromissos morais que um dia conheceu, e que agora procura afogar em baixo daquelas ondas do mal, que êle atribue ao tempo, à sociedade, ao meio, aos maus amigos, que seriam os únicos culpados.

O único remédio estaria, portanto, em desmascarar êsse cabotinismo. E isso é cousa difícil, mormente quando, nas sociedades da economia, e da pressa — raízes da mecanização, — a sugestão fascinante das elites, fontes inesgotáveis da venalidade, da mentira social, e da injustiça social, espalham-se pela consciência obscura e torturada do povo ludibriado, como infiltrações de mau azeite contaminado, ou como um eco fúnebre, que sorri dentro do peito dos potentados da negociata insaciável, e que chora, e urra, de ressentimento, nos corações dos trabalhadores crédulos e humildes.(1)

(1) Salvo os países privilegiados, como o nosso, em que essas sombras são raras.

É difícil, mas não há outro meio, *fas-se mister desmascarar*. E a palavra desmascarar conserva, aqui, a sua pureza original: tirar a máscara, isto é, mostrar que a personalidade é falsa, é outra, que falava atrás da máscara: *personare*.

4. — Nem os pontos de vista de Adler, ou Freud, nem os de Yung ou Prinzhorn lograram esclarecer a complexidade do processo da reintegração da personalidade, na cura definitiva da neurose.

Julgam que se trata de simples abalo, brusca mudança na transferência, ou de mera comoção psicanalítica, visão recobrada do sentido da vida, inexplicado sentimento de comunidade, sem nada descobrir na causa da persuasão, como Babinsky, e dando, como Kretschmer, grande valor à reeducação violenta, semelhante à doma de um potro, sem valorizar que isso é apenas um caminho que leva à razão ou motivo anímico profundo, que resulta sempre ser um complicado fenômeno de compromisso moral, duplamente estabelecido com a sociedade, com os entes amados, resumidos momentaneamente no médico, e ainda, e sobretudo, com a redescoberta emotiva do amor ao destino humano despojado de suas desvalorizações. Não tiveram tempo de olhar, mais demoradamente, além do detalhe localizado da ciência, para instintivamente levar em conta a orientação quase irracional de uma concepção da vida, como tantas vezes ocorreu a Nietzsche, a Goethe, a Schopenhauer, a Aristóteles, a Santo Agostinho, a Klages.

Mecanicamente segmentam a personalidade em departamentos entre os quais emparedam as criações hipotéticas e absurdas, como Freud fez com o inconsciente que *delibera* em face de uma outra entidade conciente. E assim já o mostrei, no último capítulo de *LE RÊVE ET LA SÉLECTION DES IDÉES*.

Igual ao absurdo dessa *deliberação* freudiana se entremostra o exagêro de ilações de Yung sobre as relações entre um inconsciente pessoal e um inconsciente coletivo.

E assim, ao tentar analisar um acontecimento tão complexo como a reintegração de uma personalidade, ou a sua remodelação por uma nova concepção do mundo, ele inventa uma *imagem coletiva*, e confere-lhe o misterioso e gratuito papel de *atrair uma pessoa*; (*O Eu e o Inconsciente*): "Assim, enquanto uns desaparecem no seu papel social, outros podem desaparecer em uma visão interna, perdendo-se para os seus semelhantes. Muitas mudanças incompreensíveis da personalidade, como as conversações repentinas, ou outras transformações fundamentais da mente, são devidas à atração de uma imagem coletiva, que, como o demonstra o nosso exemplo, (um doente que suspendeu o suicídio iminente nas águas de um rio, porque repentinamente percebeu que, num observatório vizinho, brindava-se-lhe uma riqueza inaudita), como o demonstra o nosso exemplo, pode engendrar uma inflação tão intensa, que toda a personalidade fique dissolvida. Esta dissolução é uma enfermidade mental, de natureza passageira ou duradoura, uma "excisão da alma" ou esquizofrenia, de Bleuler."

Mesmo levando em conta o fato que Yung fala apenas de *algumas* e não de *todas* as transformações da personalidade, é claro que há exagêro. O exagêro está em atribuir a essa atração um papel tão importante, quando na verdade é um episódio colateral, que exprime uma parte das modificações. Essa atração é menos a causa, ou motivo, das mudanças da personalidade, que seu efeito. A personalidade já estava transformando-se, e em consequência disso, facilitou-se a atração da imagem. Quem queira e possa estudar essas análises, viver os fatos, participar das ocorrências, poderá confirmar as restrições que aqui faço aos que chamo exageros de Yung.

5. — Aliás, essas restrições têm a maior importância: pela minha análise, obedecendo e além disso, anando o seu compromisso, a paciente restabelece a sua verdadeira personalidade. Na concepção de Yung, a verdadeira persona-

lidade é dissolvida, ou continua sendo a débil e inconsistente pessoa, por diante da qual, e ocultando-a, se levanta, artificialmente, a personalidade de empréstimo, como é, às vezes, a de um cargo:

“A identificação de um indivíduo com o seu cargo ou título, (*El yo y el Inconciente*, 74.), — Luiz Mirasle, — também, tem algo de sedutor; por esta razão muitos homens não são em absoluto outra coisa que a digindade concedida a eles pela sociedade. Seria trabalho perdido o de buscar uma personalidade debaixo desta casca. Detrás da grandiosa apresentação só encontraríamos um homenzinho miserável.” E mais adiante: “Assim como mais para além do indivíduo existe uma sociedade, assim também mais para além da nossa psique pessoal existe uma psique coletiva, ou seja o inconciente coletivo que, como nos demonstra o exemplo citado, produz igualmente efeitos atrativos. Tal como, no primeiro caso, o cargo ou a dignidade transportam a um indivíduo, de repente, para um grande mundo, pode também com igual rapidez desaparecer por efeito de uma daquelas grandes imagens que transformam a face do mundo.” Yung recorre a essa imagem coletiva (semelhante a um fenómeno intelectual, e não à imagem real de Klages), para explicar a dissolução, e não a reintegração da personalidade. E’ uma hipótese gratuita, de aspecto científico. A doutrina klagesiana da *realidade da imagem* é fundamentada, e desenvolve-se no domínio filosófico, e pretende ser o contrário de uma *representação*.

6. — Conservando-me ainda no plano de indagação psicológica, e estendendo a observação aos animais (*LE RÊVE*), cheguei à conclusão de que não se trata de uma imagem intelectual, nem de uma imagem particular do desenvolvimento a ser atingido, e sim de um conjunto integralizado de qualidades de outras imagens, como o ritmo. Estas qualidades (detalhes), da imagem eram a parte emotiva das imagens anteriores, e mostravam essa condição mediante as ligações a experiências da vida instintiva, e são mobilizáveis, transportando-se, para integrar-se com outras imagens, ou sensações, segundo 4 leis também apontadas por mim, como uma das formas da seleção das idéias. E assim, o detalhe emotivo, que vem de grande parte do passado vital, nele resumido, integra-se como uma totalidade nas apresentações atuais, e dessa forma auxilia a orientação da conduta futura.

Conforme vimos no cap. IV, é graças a essa mobilização dos detalhes emotivos (completamente desconhecida em psicologia, a-pesar-de dez anos de publicações feitas) que se esclarece a orientação e a atualização dos processos fundamentais da defesa vital em geral. E quando uma idéia subjacente ao princípio filosófico da aspiração ao perfeito pretenda ficar menos vaga, será quando a indagação psicológica logre abeirar-se dessa noção do detalhe emotivo adaptando ao meio, e ao momento, as tendências primordiais da defesa vital.

7. — Como quer que seja, o importante, do ponto de vista prático, é deixar estabelecido aqui, conforme estamos fazendo, que a reconstrução duma personalidade — quando ainda foi possível a cura —, realiza-se com o auxílio dêsse complexo *fenômeno do compromisso*, no qual se descobrem dois grupos de tendências: — uma *obrigação moral* em que se colocou livremente o doente e a descoberta, por êle feita, de uma *inclinação afetiva* que o atrai para o seu próprio destino.

Essa inclinação afetiva, que agora se delineia, como *amor ao destino*, se entremostra à psicanálise ortodoxa como sublimação, ainda que esta é apenas uma parte, aliás deformada, das vivências totais. Pode-se verificar que o amor ao destino foi condicionado pela obrigação moral. Esta obrigação moral entrou em antagonismo com as atrações de instintos primitivos, às vezes de conservação,

e de superação e poder, mas quase sempre sexuais, nos organismos hiperfeminis ou hipervirís. Nestes últimos casos, convém, por mais eficiente, o esquema freudiano. Cabe aos primeiros o esquema adleriano, conforme, aliás, Yung já tem pensado, não sendo esse pensamento estranho à sua criação dos dois tipos psíquicos, *extra* e *intravertidos*. Em qualquer dos esquemas principais, se pode chegar, quando é possível a cura, a um estado de compromisso individual e livre. Quando não se pode produzir o compromisso individual e livre, não é possível a cura, porém aparências de cura, transitórias e enganosas, quando não francamente cabotinas. Diante da impossibilidade do fenômeno do compromisso individual e livre, os psiquiatras e psicoterapeutas falam em falta de uma força curativa do inconsciente: pois bem, o que há, por baixo dessas palavras, é o fenômeno do compromisso, com os seus dois grupos de tendências, e que preparam e defendem as condições da vida anímica e espiritual, readaptando no presente as experiências emotivas do passado. Essas experiências só se mostram operantes quando exprimem diretamente a vida do doente, em vez de copiar, contra ela, a vida de um modelo: isto é, quando livres de imitação e automatismo, quando o doente pode voltar a ser o que ele mesmo foi ou tendia a ser. A alma precisa prolongar o biológico, o corporal.

É assim, por via do compromisso, a cura pode reintegrar a personalidade mediante uma criação livre e original, semelhante ao esboço de uma criação artística, conforme demonstrei em "A Criação Estética." Essa liberdade, e essa sinceridade verdadeira (original), compõem a condição básica para a confiança que acompanha e facilita qualquer transformação construtiva do espírito. Orientado pelo compromisso (isto é, formando a sua confiança em si próprio), fica o doente, do mesmo passo, em meio caminho à confiança nos outros, o que é já o início da cura. Tal é a psicologia da confiança curativa, tal é a sua origem.

8. — Essa a origem emotiva da confiança, preciosa e difícil para os indivíduos não integrados na religião. As ligações com a generosidade e a bondade recebidas, que tão insinuosamente a relacionam com a fé, podem, aliás, ser surpreendidas em eloquentes fatos e observações colhidos sem intenção dessa comprovação. Dada a importância desta noção, seria de alto interesse elucidativo citar o resumo de alguns conceitos de um dos mais insignes médicos da clínica Mayo: "Ainda que as doenças de estômago de origem funcional sejam muito comuns, não estão claramente explicados os seus sintomas. Mas o mal não traz diretamente a morte. E quando o doente se der conta disso, evitará sofrimentos e gastos inúteis. Porém terá que depositar sua confiança em um bom clínico, e acreditar nele, quando, depois de um exame completo, ele lhe assegurar que não há nada sério." Mais adiante, o mesmo observador resume assim a sua opinião: "Ouví exclamar a mais de uma doente: — Doutor! O senhor me fala de descansar! Porém se eu não tenho feito outra coisa durante meses inteiros, e sigo da mesma forma! — Geralmente, estas doentes se equivocam: se é verdade que não estavam trabalhando, também é verdade que não estavam descansando. Todo o dia e parte da noite tinham o cérebro atormentado por um medo constante: medo de que o médico não tivesse dado com a sua verdadeira doença, medo de ter um câncer, medo de que o marido, que se atrasou uns minutos na hora da comida, tenha caído vítima de um acidente. O temor provocador dessas indigestões nervosas é, em geral, e bom número de doentes o sabem, perfeitamente tolo. E ainda que seja a princípio difícil de lutar contra esse medo infundado, pouco a pouco é possível dominá-lo, recobrando-se a saúde perdida. Durante esse período de reeducação o enfermo ganhará muito seguindo os conselhos de um médico bondoso e prudente; porém é preciso não se iludir — o êxito final dependerá da firmeza de vontade com que o interessado desfaça e afugente os seus temores."

Não basta pois ser convidado, nem esclarecido, nem mesmo guiado nessa tarefa: é preciso que ele se *reeducue, compreendendo* o absurdo do medo, ouvindo os conselhos de um médico *bondoso* (isto é, capaz de iniciar a confiança); que esse médico revele *prudência* (isto é, aumente a confiança, com verificações reais); e afinal, descoberta a verdadeira forma de curar-se, o doente *deverá* agir ativamente, com *firmeza de vontade*, (isto é, com uma confiança solidamente experimentada).

Trata-se, porém, de uma simples emoção de medo, e não duma nevrose rebelde. Não há, ainda, nesse caso, necessidade de toda uma profunda modificação anímica para levar o doente a se descobrir em estado de compromisso moral para gradativamente penetrar o mundo de emoções de que participará, e de onde sua alma irá trazer a confiança na persistência da cura.

9. — A primeira fase, do "compromisso", a obrigação moral, quase sempre repousando em culpabilidade comum, aparece, dessarte, filiando-se na finalidade fundamental da defesa, que preside à conservação e aperfeiçoamento da personalidade. Seria, pois, perturbar a natureza e a essência da personalidade afastar da educação, da psicoterapia, ou da solidariedade social o cultivo do sentimento da culpa motivado na falta de generosidade, de beleza, de gratidão, de sentimento religioso, ou de mera bondade, ou respeito ao bem honesto. O sentimento dessa culpa, na medida em que leva à obrigação moral, e eleva a alma, continua, entretanto, a ser mui pouco conhecido, e muito superficialmente avaliado pelos educadores, pelos psicoterapeutas, pelos juristas, pelos sistemas penitenciários. Todos eles tendem a desconhecer a influência construtiva desse sentimento na estrutura da personalidade, e nisso têm razão, pois a ciência foge a tais gêneros de indagações, e ilude-se com as atitudes filosóficas, que dão orientação, mas não esclarecem pormenores concretos.

Entretanto o problema só pertence à ciência psicológica, e não pode ser resolvido, dado o seu aspecto prático, por princípios de filosofia, desligados da necessidade de completar-se pela ciência.

Na verdade, e a começar pela psicoterapia, qualquer norma ou preceito geral mostra sua exceção prática, porque não é só o método que influe: não há uma regra geral para curar a nevrose, como já existe para tratar uma fratura. Num dado tipo clínico de fratura se emprega determinado meio, qualquer que seja a pessoa a tratar, pouco influenciando o passado, os projetos, a simpatia, a bondade do médico. Num dado caso de nevrose, todos esses elementos e condições influem substancialmente. O fato pode ser bem resumido declarando e mostrando que o psiquiatra cura, primordialmente, com a sua *personalidade*, e por causa dela pode fracassar. É a sua simpatia (o seu EROS PAIDAGOGOS), que exerce o papel principal. É muito menor o valor da idéia, que pretende sugerir, do que a maneira carinhosa, digna, caridosa, sincera, generosa com que a sua alma se dedica às dificuldades individuais do doente. É, como cada enfermo é uma situação nova, original, personalíssima, o que antes de tudo importa estudar e conhecer é o que poderá persistir nessa variação de casos sempre novos: isto é, o que constitui o processo fundamental de reparação curativa. E neste ponto é que se descobrem inumeráveis opiniões, das quais referirei as mais importantes:

- a) a purgação *catártica*, tão minuciosamente estudada por Freud, porém já conhecida de Aristóteles;
- b) o *encorajamento*, de Dubois;
- c) a *persuasão*, de Babinsky;
- d) o *abalo afetivo* de Prinzhorn;
- e) a direção espiritual de Janet;

- f) a convicção filosófica e moral, de Dejerine;
- g) a sugestão direta, tipo Coué;
- h) a comoção psicoanalítica de Freud; o sentimento de comunidade de Adler; libertação da religiosidade reprimida de Yung; etc., etc.

Como se explica que até agora não se tenha estudado o fenômeno do compromisso, subjacente a tôdas as transformações de vivências interpretadas por êsses oito grupos de opiniões? Quando o compromisso pode ser descoberto pela análise mesma na base da aplicação prática da teoria de Sócrates, segundo a qual, *quem não segue o caminho da virtude é porque o desconhece?* Talvez porque a doutrina socrática transfigura-se, mutilada, porque apenas se lhe notou a palavra, o aspecto intelectual: ignorou-se-lhe o elemento moral, afetivo, constituído pelo entusiasmo, pelo amor da verdade, isto é, — pela alma. Só o cristianismo tratou, mais tarde, as feridas inadvertidas dessa mutilação do ideal humanizado, que eleva na direção da perfeição aspirada. Só a coragem da generosidade iluminada poudo ensinar que aquele caminho da virtude não podia ser inteiramente conhecido pela razão. Era necessário um poder irracional, que deixasse crescer a alma torturada, libertando-a pela gratidão, pela beleza, pela adoração reconhecida. E' por êsses meios que o fenômeno do compromisso revela, pela emoção dignificada, aqueles aspectos da compreensão da vida que não apareceriam à inteligência enclausurada no ganha-pão de cada hora que passa, ou pervertida na escola despudorada da chicana politiqueira. Porque as grandes linhas definidoras da vida e do destino humano não as acompanha a inteligência fria, mas a alma libertada.

10. — Também os educadores, professores e eruditos que têm uma justa consciência dos princípios filosóficos, a que se subordinam, profunda firmeza encontrariam, confirmando, no domínio da experiência vivida em alguns casos de reeducação psicoterápica, os aspectos gerais dos seus sistemas de concepção. Ora, as duas fases por que passa o fenômeno do compromisso, — a *defesa que justifica* as atitudes, e a *redescoberta do amor* ao destino, — são achados que, na experiência interna do analisado, correspondem a duas fases na orientação milenar do processo educativo: (1) a ordem com que se *manda fazer* alguma coisa, e (2) o *interêsse* com que se conduz o aluno, que assim ativamente presta atenção, e se inclina com amor e curiosidade para os ensinamentos.

Ent etanto, a importância verdadeiramente edificadora do estudo do *compromisso* ressalta mais claramente, se verificarmos aquela correspondência das 2 fases com os princípios filosóficos da moral. Nesta nova face, a nossa exposição seria longa, e poderia ser chocante, quase despropositada: mas há um meio de resumir ainda neste ponto. Que o leitor interessado, depois de Platão e Kant, leia, por exemplo, o trabalho de Bergson sobre AS DUAS FONTES DA MORAL. É verá, sem dúvida, que os achados das 2 fases do "compromisso" correspondem a duas formas da moral, não somente 2 graus da mesma moral, mas uma e outra moral diferentes de natureza: a moral na qual existe a pressão social, e a moral na qual existe um apêlo e uma aspiração humana. Uma é instinto, ajudado pelo cálculo. A outra é instinto elevado pela emoção. Na primeira o instinto é orientado para a defesa do indivíduo. Na segunda, para a perfeição da pessoa. Creio que resumí nessas duas frases todo o ensaio de Bergson.

11. — O teorismo jurídico, às vezes, parece simplificar demais os fatos da caracterologia, ao fazer separações nítidas entre os doentes e os inadaptados. E, como os atuais delinquentes mostram falhas da educação, e, por outro lado, na cura das nevroses há um processo de reeducação, não raro se hipertrofia demais o papel da educação, afirmando que "o delinquente pode ser corrigido

mediante um processo educativo adequado.” Também não encontram apoio nas realidades da caracterologia os excessos com que se diagnostica uma doença a curar, em face de muitos erros e culpas, asfixiando e inocentando as mais berrantes responsabilidades, como se o indivíduo fôsse levado passivamente ao delito, como à gripe epidêmica, e pudesse resolver o conjunto de ambos os casos com um processo de injeções, medicamentos, ou banhos mornos. Essa tendência de corrigir delitos é fixada no inconciente dos cabotinos, que artisticamente reincidem nos pequenos e depois nos grandes crimes, porque vão-se dando bem nessa atmosfera deliciosa de irresponsabilidade quase completa. E acabam esquecendo a velhacaria inicial, à medida que a descobrem nos outros, e por fim nas tendências do meio e do tempo. Descobrem assim uma forma de vida, de adaptação, que não deixa de ter analogias com a boa educação, porque, sendo má educação, também é educação. É na verdade o mimo excessivo, no lar, viciou, pela raiz, uma educação que a sociedade, mais tarde, aprimorou, em aumentando os mesmos defeitos, graças às deficientes noções de psicologia das suas instituições, e dos seus homens de ciência. De ciência, e de letras: muito cronista, e muito novelista julga que tem a liberdade de reavivar e prestigiar, com vivas pinturas, e espalhar, pelos lares e escolas, todos os atos capazes de destruir a pressão moral da boa sociedade, e poluir a elevação da cultura. Também eles dão-se bem, como os histéricos de pensão e aposentadoria, descobrindo vantagens e rendimentos por meios que o talento real dispensaria.

Eles não poderão se refugiar na desculpa da ignorância, quando as Universidades organizarem, por todos os seus institutos, noções de psicologia mais útil, e menos palavrosa. Eles ficarão desmascarados, não, podendo fraudar consigo mesmos o fenômeno do sentimento do compromisso moral. A obrigação moral só desaparece, quando desaparece a personalidade. A análise psicológica, a experiência interna, a experimentação onírica, os delírios iniciais podem facilmente demonstrá-lo.

Mostrar, pela experiência, que o sentimento moral é essencial à personalidade assim como o sentimento de liberdade, eis aí o ponto crucial do conhecimento do homem e da sua natureza espiritual. A moral pode ser relativa, pode variar, na complexidade da pessoa. Porém é-lhe essencial. Demora no pináculo e nas raízes da formação humana. Olhem experimentalmente para dois fatos polares: os reflexos de um cabotino, e as normas da direção espiritual. Para o primeiro caso, citarei uma passagem de Kretschmer sobre uma polêmica de 1917, e, portanto, longe dos nossos objetivos, pelo tempo e pelo espaço: (“A Histeria, Marburgo, 1927”):

12. — “A controvérsia anteriormente citada de Forster e Hirschfeld proporciona um exemplo muito instrutivo para demonstrar que a marcha do fenômeno não só pode ser *pensada* dêste modo, mas *na realidade é assim*. Hirschfeld publicou um método especial de sugestão para o tratamento do tremor de guerra. Forster ataca-o com o argumento de que em seus próprios doentes fez desaparecer o tremor mediante a *exortação verbal rigorosa*, explicando-lhes que sua conduta não constituía uma enfermidade, e sim um mau costume. De acôrdo com sua experiência, o “tremor, sempre um tanto forçado”, é fruto de um exagêro conciente. A isto responde Hirschfeld, com razão, que a opinião de Forster se baseia em observações feitas num período da enfermidade anterior ao que fôra observado por êle.

Contra a força probatória desta explicação poder-se-ia objetar, no máximo, que a exortação verbal rigorosa constitue precisamente o “método sugestivo” de Forster, isto é, que não atua como tal por seu conteúdo verbal, mas precisamente pela cena impressionante que representa para o paciente. Quem crê na tão admi-

tida semiverdade de que não importa a espécie dos meios sugestivos empregados, tem de estar preparado para ouvir esta objeção. Imagine-se por um momento que a um cidadão irrepreensível e inocente, que passa tranquilamente pela rua, acometêssemos bruscamente exigindo-lhe que nos devolvesse o dinheiro roubado. Neste caso, nosso ato exerceria sobre ele uma ação dramática, mas de nenhum modo sugestiva.

Forçoso será, pois, convir que o êxito da exortação verbal rigorosa *pressupõe* no indivíduo corrigido um certo *sentimento de culpabilidade*; e devemos dar razão a Forster quando acusa seus pacientes (que se encontram no segundo período) de exagêro conciente. Mas em vez de dizer: o indivíduo afetado de tremor é conciente de seu exagêro, deve-se escolher outra fórmula mais prudente, dizendo: êsse indivíduo tem a faculdade de ser conciente de sua cumplicidade, em determinado momento, sem rodeio algum. Pois já vimos, em primeiro lugar, que a intensificação voluntária do reflexo não precisa chegar como tal à consciência em forma intensa; mas, além disto, um fato psicológico vergonhoso não sói chegar tão direta e integralmente ao ânimo do indivíduo de tipo médio, nem costuma ser tão rudemente claro como para o que o observa friamente de fora.

Esta diferença entre a fórmula de Forster e a nossa não é muito essencial para o juízo médico e social da gênese do tremor histérico e de outras muitas formas afins das histerias em tempo de paz. O principal é apenas reconhecer que essa diferença não é essencial, isto é, que a *consciência restrita dos motivos e caminhos*, pelos quais se produz um determinado efeito da vontade, *não constitui uma característica da "doença histérica"*, e sim um *sinal comum a inúmeros processos psicológicos normais*, que por qualquer motivo temem a luz clara da autocrítica.

Assim como Forster tinha a seu lado a experiência de muitos neurólogos da época da guerra, teve Hirschfeld a seu favor a maioria dos neurólogos da cidade quando declarou que, nos casos inveterados de tremor, o caminho simples proposto por Forster nem sempre conduzia ao fim almejado. Os mais notáveis terapeutas dêste segundo grupo também não esqueciam, em seus tratamentos, o *auxílio geral da sugestão*. Não obstante, seria exagêro afirmar que os histéricos dos últimos períodos não são acessíveis aos métodos puramente pedagógicos. Convenci-me disto mercê de extensos ensaios que realizei pessoalmente; mas, nestes casos, consegue-se mais facilmente o êxito apelando *para a boa-vontade, do que para a má consciência do enfermo*.

O histérico inveterado admite, sem dúvida, que lhe dirijam severas admoestações; admite que o acusem de preguiçoso, que lhe expbrem o esforço insuficiente para vencer uma alteração real; já não admite, porém, sem mais nem menos, como o histérico do segundo período, que lhe neguem a existência de uma coisa que se tornou *real*, e que o tratem, sem limitação alguma, como a um *simulador*. O progresso da objetivação exprime-se aqui com precisão."

O progresso da objetivação, isto é, o tremor agora é sincero e evidente para o próprio doente, e isso é uma das razões pelas quais ele se revolta contra a insinuação que leva a classificar-se entre os simuladores. E' claro o fundo moral da reação.

O fato principal é o sentimento de culpabilidade, descoberto mesmo no caso da exortação vigorosa, a gritos, ou a socos, como quem doma um cavalo. A outra nota é a de "que a consciência restrita dos motivos e caminhos, pelos quais se produz um determinado efeito da vontade, não constitui uma característica da doença histérica, e sim um sinal comum a inúmeros processos psicológicos normais, que por qualquer motivo temem a luz clara da autocrítica."

O essencial, e sobre isto não falam os autores, é a frequência de elementos subconscientes na nossa vida, e que nos dão a vaga, mas motivada certeza de que alguns atos podem não ser perfeitos, podem ser criticáveis, por se terem dado ao lado da consciência, cansada, desatenta, ou imprudente!

Daí a frequência dos motivos normais de culpabilidade; e, quando, em vez de faltas verdadeiras, sejam apenas negligência, ao afrouxarmos o esforço de generosidade ou de perfeição a que nos fizéramos obrigados, então o sentimento de culpa é quase nobilitante. E isso é o que a psicologia não se lembrou de analisar: e, se nobilitante, grato à percepção da nossa alma, e à solidez da personalidade.

Eis como se descobre a raiz duma verdade que define a estrutura da pessoa. Eis como a primeira fase, no fenómeno do compromisso, deve ser facilitada, procurada, para o processo da cura persistente. Eis por que razão a pedagogia e a criminologia precisam completar-se com estes princípios de antropologia.

13. — Passemos agora a examinar um fato da direção espiritual, na vida religiosa, da introdução às cartas de direção de Mgr. d'Hulst:

"Para não decair, seria necessário crescer em santidade; não há outro meio, quando a rotina não cessa de nos esfriar e de nos diminuir, se a procura ardente da perfeição não nos proporciona calor e elevação. Por isso, comenta Baudrillart, não é de surpreender que, às almas consagradas a Deus, seja no Cláustro, pela profissão religiosa, seja na sociedade, por uma vocação especial, tenha d'Hulst pregado, com singular insistência, a sua austera doutrina da *reparação*, essa doutrina em cujas fontes êle se retemperava, frequentemente, junto da irmã, no convento da *Adoration réparatrice*, e da qual costumava dizer que *demorava no fundo de tôdas as almas*."

Tal depoimento, afirmando que a inclinação a reparar as ofensas, por outrem feitas a Deus, *demora no fundo de tôdas as almas*, não é apenas uma homenagem ao lado nobre da alma humana. É um fato que confirma a nossa observação referida algumas páginas atrás, quando referimos a descoberta que fazem certas doentes, na reconstrução psicoterápica, e mediante a qual com superior alegria se vêem reintegradas na fé, com uma visão nova do seu destino, empoçadas pelo sentimento que as obriga a viver, a agradecer, e a defender êsse destino, como uma generosidade incompreendida e ilógica, porém certa, duma origem e força divinas do mundo e da vida.

Essa visão renovadora das cousas, do mundo, e do destino humano surge, assim, como uma consequência natural do fenómeno do compromisso, que atualiza, dessarte, sentimentos profundamente infiltrados na estrutura da pessoa.

Algumas formas dêsse processo de atualização, de emoções passadas, já foram por mim investigadas em meus primeiros quatro volumes publicados. Para evitar maiores dificuldades ao leitor, com a aridez das pesquisas, dei a êsses ensaios um aspecto de episódios relatados, e isso parece haver insultado o aticismo literário, a julgar pela violência com que a elegância da crítica reacionária investiu, lança em riste, contra os inocentes carneiros, que Cervantes já uma vez immortalizou numa carga do Cavalheiro da Triste Figura.